

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

72 NOV - DEC 2016



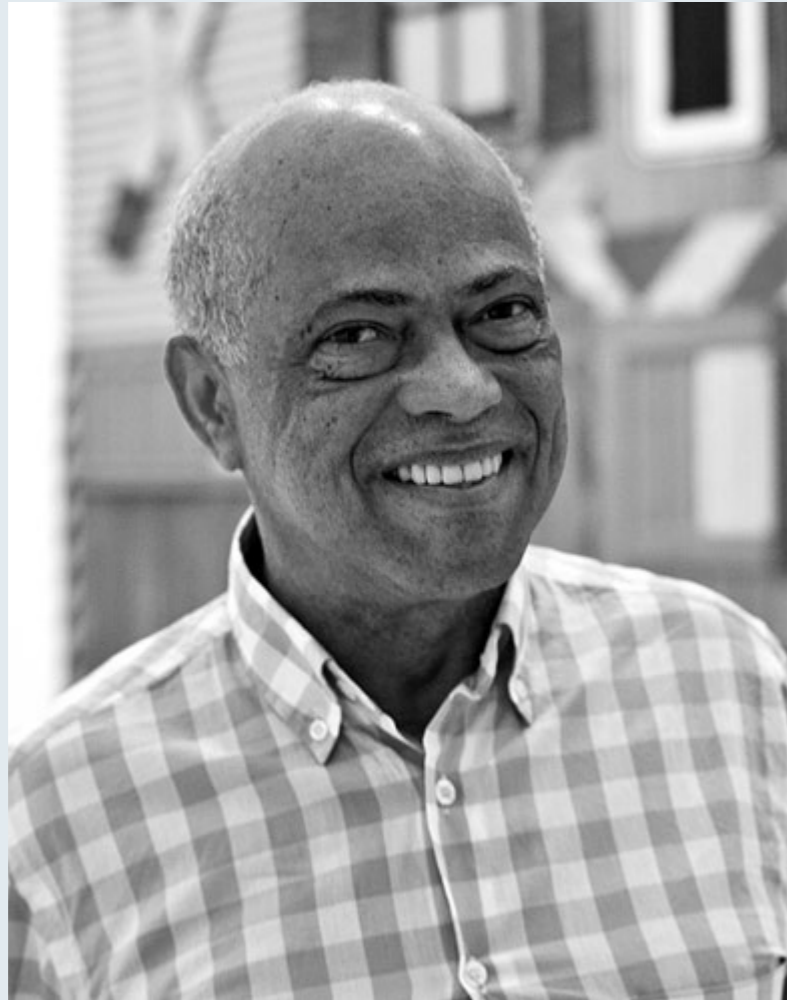
Excess

Christina Karras / Nacho Carbonell

António Ole / SAOTA



António Ole



©Márcia Lessa

Luanda, Los Angeles, Lisboa

FACEBOOK: ANTÓNIO OLE

'Luanda, Los Angeles, Lisboa' é a exposição retrospectiva da obra de António Ole na Fundação Gulbenkian. Artista com quase 50 anos de trabalho, o Mestre Ole, é uma das figuras centrais da arte contemporânea africana.

'Luanda, Los Angeles, Lisboa' is the retrospective exhibition of the work of António Ole at the Gulbenkian Foundation. As an artist with nearly 50 years of work behind him, Master Ole, is one of the central figures of contemporary African art.

– O António afirma que muitas das suas peças são criadas em trânsito, numa espécie de nomadismo. Esta exposição tem o nome de três cidades, qual é a relação com cada uma delas?

– Eu julgo que podia ter escolhido outras cidades, mas estas, no fundo, são mais interessantes para mim. Luanda porque eu nasci lá, e fiz lá a minha primeira exposição em 1967, vai fazer 50 anos para o ano, e porque fiz parte de um movimento do modernismo, naquela altura chama-se mais Arte Moderna; foi um movimento no qual participei e fui líder dessa transformação, e principalmente porque tínhamos um discurso muito carregado, e a necessidade de entrarmos em choque com a sociedade que vivíamos.

– E é pelo cinema que vai para Los Angeles?

– Já ia no meu oitavo filme e cheguei à conclusão de que queria conhecer isto melhor e ir para a UCL como *visiting scholar* para um programa no African Studies Center e Departamento de Cinema. Foi interessante porque também assistia um professor. Frequentei coisas debutantes como o cinema etnográfico, porque vinha do cinema documental. Essencialmente, fui para aprofundar o meu conhecimento no cinema.

– Com a saída de África, a distância provocou um olhar crítico?

– A possibilidade de ver os museus de Nova Iorque, ver os museus que me interessavam, o MoMa era um deles, tudo isso começou no fundo a bater uma vontade enorme de trabalhar e de ir à procura do meu próprio universo. Tive esta necessidade de querer aprofundar as minhas raízes à distância e aí comecei lentamente a ir à procura de a concretizar.

– Lisboa, a cidade europeia mais africana?

– Exactamente, isso eu sempre soube. A certa altura, o meu pai mandou-me para Portugal para estudar na escola primária. É que a minha família, do lado paterno, é de uma Vila portuguesa - Maiorca.

– You state that many of your pieces are created while in transit, in a kind of nomadic state. This exhibition bears the name of three cities. What is your relationship with each of them?

– I think I could have chosen other cities, but these are, deep down, more interesting to me. Luanda, because that's where I was born and it's where I held my first exhibition in 1967. It's going to be fifty years since that happened, isn't it? And also because I took part in the modernist movement which, at the time was usually referred to as Modern Art. It was a movement that I took part in and I was a leader in this transformation. Our discourse was a heavy one and we felt the need to confront the society we lived in.

– And did you go to Los Angeles for the cinema?

– I was already on my eighth film and I decided that I wanted to learn more about this and go to UCL as a visiting scholar on a programme at the African Studies Center and the Department of Cinema. It was interesting because I was working as assistant to a lecturer. I did courses that were just beginning, like ethnographical cinema, since I came from documentary cinema. Basically, I went there to develop my understanding of cinema.

– Did being at a distance from Africa provoke a more critical perspective?

– The chance to see the museums of New York, the museums that interested me, MOMA being one of them, this all began to provoke a profound desire to work and to go in search of my own universe. I felt this need to explore my roots more deeply from a distance and that is where I slowly began my quest to realize this.

– And Lisbon, the most African city in Europe?

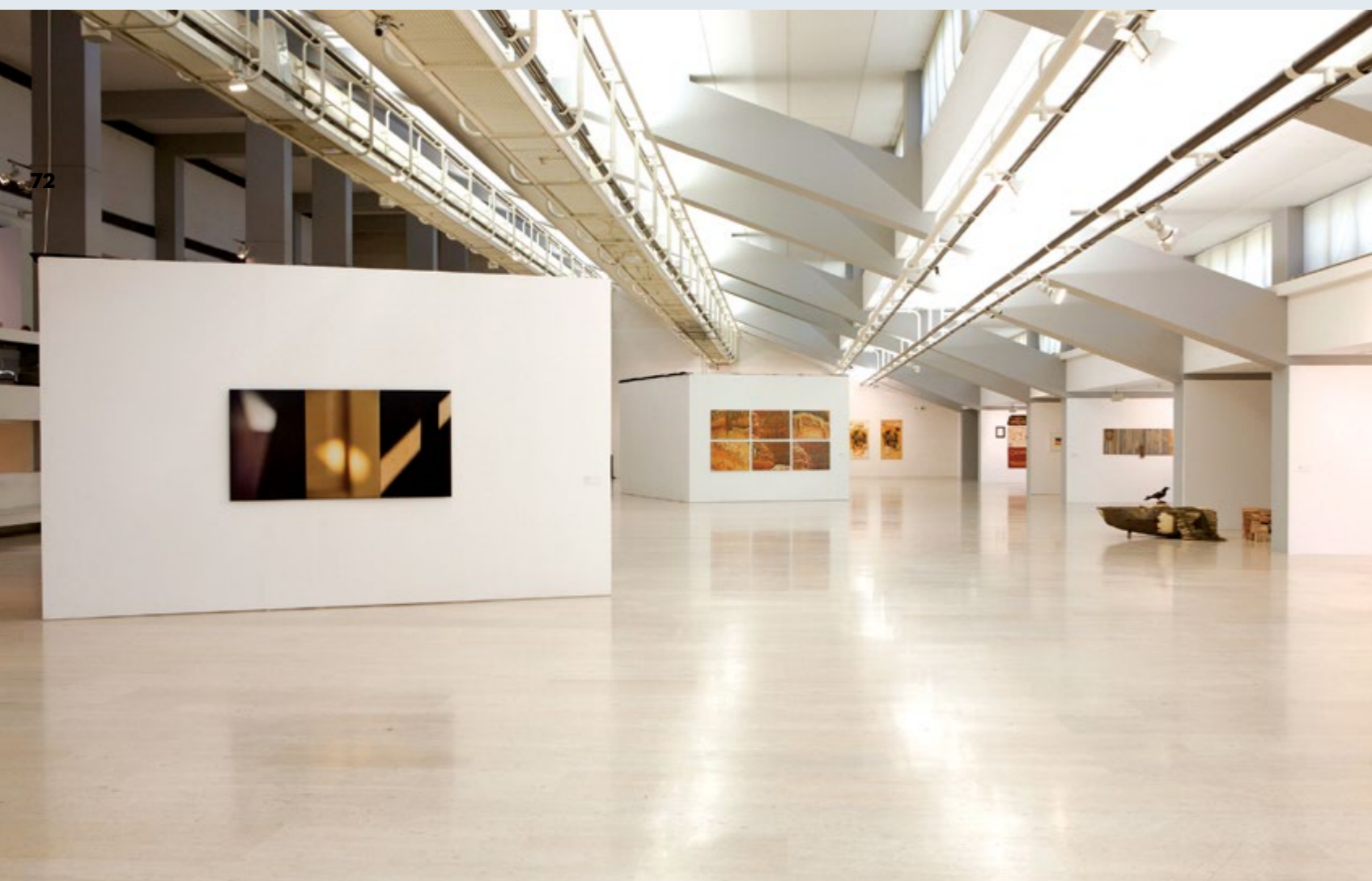
– Exactly, I'd always known that. At a certain point, my father sent me to Portugal for primary school. That was because in my family, my father's side is originally from a Portuguese town - Maiorca.



«Sem Título (I)». Luanda, 1998. Fotografia montada em alumínio. 90 · 120 cm. Coleção do artista. Fotografia: António Ole



Aspecto da Exposição «Luanda, Los Angeles, Lisboa», Museu Gulbenkian Coleção Moderna, 2016. Fotografia: Carlos Azevedo



Aspecto da Exposição «Luanda, Los Angeles, Lisboa», Museu Gulbenkian Coleção Moderna, 2016. Fotografia: Carlos Azevedo

– **É um artista que quis ser arquitecto. A arquitectura e o urbanismo preocupam-no?**

– Sem dúvida, a ideia de construção é muito ligada à minha obra. A certa altura convidaram-me para o Africa Remix, que teve início em Dusseldórfia, para mais uma Township. Mas em volta do rio Reno e daquelas sucatas enormes, só me apareciam materiais com cores, e percebi que não existia ali Township nenhuma. Percebi que deveria seguir o meu instinto de pintor, muito influenciado no início pela pop e a sinalética, e construí uma peça que impressionou toda a gente quando a apresentei.

– **Numa das suas entrevistas, e no documentário de Rui Simões sobre si, o António fala-nos da “arte total”... O que é que quer dizer com isso?**

– Sim, a dado tempo questionei-me sobre a própria vida e a própria apetência para disciplinas muito diversas; se não faria sentido pô-las todas ao serviço da mesma coisa. É um pouco o exemplo desta exposição, são as fotografias, os desenhos, o vídeo, porque isso, acho, faz parte da mesma coisa.

– **E projectos futuros?**

– O meu projecto futuro mais importante é sobre as culturas crioulas. É em torno do continente africano e das ilhas. A maior parte das ilhas são de origem vulcânica, evidentemente que há milhares de anos não eram habitadas e lentamente elas foram fruto das viagens marítimas, dos encontros e desencontros das populações. Temos Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, as ilhas em frente a Luanda, Robin Island, a ilha de Moçambique, Zanzibar, Lamu. No fundo, há coisas que as une mesmo que umas sejam no Índico e outras no Atlântico.

– **You are an artist that once wanted to be an architect. Are you concerned with architecture and urban planning?**

– Without a doubt, the idea of building is closely connected to my work. At a certain point, I was invited to Africa Remix which began in Dusseldorf for yet another Township. But around the River Rhine and those enormous scrap yards, all I saw were those materials with colours. I realised I should be following my instinct as a painter, deeply influenced from the start by pop and signage, and I built a piece that impressed everyone when I presented it.

– **In one of your interviews and in the documentary about you by Rui Simões, you talk about ‘total art’. What do you mean by that?**

– Yes, at a certain point I began asking myself about life itself and the appetite for very different disciplines; if it might make more sense to put them all at the service of the same thing. It’s a bit like this exhibition, the photographs, the drawings, the videos; because this is all, I think, part of the same thing.

– **And projects for the future?**

– My most important future project is about Creole cultures. It is based on the African continent and its islands. Most of those islands are of volcanic origin and they obviously weren’t inhabited thousands of years ago. And they were slowly populated as a result of maritime journeys and the comings and goings of different populations. So we have Cape Verde, São Tomé and Príncipe, the islands off Luanda, Robin Island, Mozambique Island, Zanzibar, Lamu. Deep down there are elements that unite them even if some are in the Indian Ocean and others in the Atlantic.



Aspecto da Exposição «Luanda, Los Angeles, Lisboa», Museu Gulbenkian Coleção Moderna, 2016. Fotografia: Carlos Azevedo